

## I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

*O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.*

### **As rodas literárias do Brasil nas décadas de 20 e 30 Troca e obrigações no mundo do livro**

Simone Silva<sup>1</sup>

Doutoranda em Antropologia Social PPGAS/ Museu Nacional – UFRJ

A análise dos percursos dos manuscritos do livro de Mário de Andrade, *Paulicéia Desvairada*, publicado pela Casa Mayença em 1922, e de *Menino de Engenho* de José Lins do Rêgo, publicado dez anos depois pela Adersen editora, possibilitou compreender a configuração do espaço literário das décadas de 1920-30. Na tentativa de entender as classificações de modernista e regionalista, atribuídas, respectivamente, a Mário de Andrade e a José Lins do Rêgo, optou-se por pesquisar um período ímpar em suas trajetórias, ou seja, um momento polido de críticas ou alianças. Entretanto, a pergunta acerca dos mecanismos classificatórios, que opuseram os dois escritores surgidos dentro de um mesmo movimento artístico (Movimento Modernista), levou-nos a uma questão central para entender o espaço literário do início do século XX e, principalmente, uma importante contribuição para os estudos sobre o espaço de produção de bens simbólicos: qual era a importância dos “grupos de amigos”, dentre eles artistas, pintores, escritores, intelectuais, políticos e jornalistas, para o mundo<sup>2</sup> do livro ao longo das décadas de 1920-30?

A leitura das cartas, entrevistas, enciclopédias e biografias<sup>3</sup> contribuiu para montar o quebra-cabeça da história das publicações de *Paulicéia Desvairada* e de

---

<sup>1</sup> Mestre pelo Programa de Antropologia Social do Museu Nacional da UFRJ.

<sup>2</sup> Ao longo do trabalho, optamos por denominar o espaço do livro por “mundo” para enfatizar que esse universo, tal como qualquer outro, está marcado por relações e normas sociais.

<sup>3</sup> Os dicionários e enciclopédias, livros de correspondências e biografias dos produtores foram fontes eficazes para recuperar o conjunto de relações e alianças que circunscreviam o mundo do livro do início do século XX.

*Menino de Engenho*, à medida que esse material indicava o papel de cada uma das dezenas de pessoas envolvidas no percurso dos lançamentos dessas obras. Uns liam os manuscritos, outros revisavam a prova do livro, encaminhava-os para um editor e depois de publicada, restavam as tarefas da distribuição e da divulgação, que também estavam a cargo dos membros dos grupos. Aos poucos fomos percebendo que todas aquelas pessoas não podiam ser agrupadas numa simples divisão do trabalho do espaço literário. Tratava-se de amigos próximos envolvidos indistintamente em diversas atividades. A princípio, pareciam ser simples “grupos de amigos”, que por laços afetivos, ajudavam-se. Contudo, ficou claro, ao longo da pesquisa, que o apoio mútuo existente entre eles, era parte de um sistema coercitivo de obrigações, essencial para o espaço artístico daquele período.

As “rodas” , como eram chamadas por eles, tornaram-se o objeto de pesquisa, a partir da compreensão de que as publicações de *Paulicéia Desvairada* e de *Menino de Engenho* foram o resultado da ação conjunta dos amigos de seus autores, que compunham o “grupo dos cinco”, formado pelos amigos de Mário de Andrade, sendo eles Tarsila do Amaral, Anita Malfatti, Menotti del Picchia e Oswald de Andrade, e a “roda de Maceió”, composta pelos amigos de José Lins do Rêgo, quais sejam Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Jorge de Lima, Aloísio Branco, Valdemar Cavalcanti, Aurélio Buarque de Holanda.

O “grupo dos cinco” e a “roda de Maceió”, dentre outras que identificamos ao longo da pesquisa, como por exemplo, as do Rio de Janeiro, as de Minas Gerais, ou mesmo os grupos das revistas e editoras<sup>4</sup>, não estão dados na historiografia e nem nos

---

<sup>4</sup> De fato os grupos de editoras e revistas eram formados a partir das “rodas de amigos”, ou seja, com o ingresso de seus membros em uma dada editora, eles passavam a constituir a sua roda. Por exemplo, os membros da “roda de Maceió” ao ingressarem na José Olympio passaram a fazer parte da roda dessa editora. Então, é importante perceber que a constituição de muitos grupos por uma mesma roda, era importante porque aumentava o número de alianças de seus membros e também expandia o espaço de circulação de suas obras.

estudos sobre literatura brasileira. Apenas os estudos de Alfredo Wagner de Almeida<sup>5</sup> e de Gustavo Sorá<sup>6</sup> apontam em seus trabalhos a existência das “rodas”. Almeida, de maneira indireta, ressalta a importância do “grupo do primo” para o lançamento da obra de estréia<sup>7</sup> de Jorge Amado - *O país do Carnaval*. Contudo, o “grupo do primo”, composto pelos amigos do escritor baiano: Almir de Andrade, Otávio de Faria, pelo editor Augusto Frederico Schmidt e pelo primo de Jorge Amado - Gilberto Amado, aparece na narrativa de Almeida como um grupo isolado dentro daquele sistema de produção, ou um “outsider”, categoria usada por Williams (1980) em seu estudo sobre o grupo de intelectuais de Londres – “The Bloomsbury Fraction”.<sup>8</sup>

Apesar de ressaltar a importância do “grupo do primo” para a publicação do *O País do Carnaval*, Almeida não problematiza a sua formação naquele período e sua importância para o centro de produção e circulação cultural. Nesse ponto, o trabalho de Sorá sobre a Editora José Olympio e a atividade editorial nas décadas de 1920-30 tem mais indicações. O autor não só destaca a relação da roda de Maceió com seu objeto, o livreiro-editor José Olympio e sua editora, como afirma que esses grupos, já apontando para existência de outros, além da roda de Maceió, eram como “unidades de um sistema de produção cultural(...) centrais para a evolução das práticas intelectuais e editoriais” (Sorá, 1998).

---

<sup>5</sup> *Jorge Amado: Política e Literatura – Um estudo sobre a trajetória intelectual de Jorge Amado*, 1979.

<sup>6</sup> “Brasilianas. A casa José Olympio e a instituição do livro nacional”, 1998. Tese de doutorado.

<sup>7</sup> Como assinalou Alfredo Wagner de Almeida, a obra de estréia, que não precisa ser exatamente a primeira, é o primeiro livro reconhecido por um público amplo e por um restrito de produtores do campo intelectual que julgam, avaliam e tem o controle sob as instâncias de consagração.

<sup>8</sup> A problematização da idéia de “grupos de amigos” como uma unidade social e culturalmente importante, foi baseada no ensaio de Raymond Williams (1980) sobre o grupo de intelectuais londrinos do início do século XX (década de 1910) – *The Bloomsbury Fraction*, formado por Maynard Keynes, Virginia Woolf, Vanessa Bell, Adrian Stephen, Karin Stephen, Morgan Forster, dentre outros. O autor discute, nesse trabalho, o significado social e cultural desses grupos, do mais ao menos organizado, que não tem por detrás, uma instituição relativamente organizada, tais como igreja, universidade, etc. A maior contribuição do ensaio de Williams para este trabalho foi o fato do autor considerar esses grupos, aparentemente marginais ou efêmeros, como um elemento central para uma dada dinâmica social.

Há também o artigo de Heloísa Pontes<sup>9</sup> sobre o grupo paulista Clima<sup>10</sup>, que durou de 1939 a 1944. A autora, seguindo a questão de Williams, tenta identificar as práticas e valores partilhados pelos integrantes do grupo que foram base para estabelecer a amizade entre eles e também para o distinguirem dos outros grupos existentes. Os demais trabalhos, tanto aqueles da historiografia literária quanto os estudos sociológicos, ou abordam os produtores culturais isoladamente, destacando trajetórias, análises de livros, participações em movimentos artísticos, ou fazem um estudo historiográfico geral do período.

Considerando os dados acima, o que tentamos fazer foi analisar as relações do espaço literário e artístico brasileiro, através das quais tentamos demonstrar a dependência do mundo do livro desse período junto a esses “grupos de amigos”. Levando em conta que os dons são constitutivos de laços, apontamos o significado da “troca” para os atores envolvidos, o que eles “trocam” e o que os motiva a fazer parte desse “jogo”. Para tanto, é preciso ter claro que não se trata de uma abordagem automatizada da relação de “troca”, ou seja, que enfatiza isoladamente o ato de dar, receber e retribuir e negligenciando a obrigação e o interesse, embutidos nela. Essas atividades, que se desempenham num espaço de tempo, são um ponto dessas relações que, quando tomadas mais amplamente, tornam-se mais complexas e mais interessantes, do ponto de vista antropológico.

A motivação por tentar compreender e explicar a troca, inscrita em um sistema de obrigações e na coerção social, tal como existente no espaço literário das décadas de 1920-30, vem, por um lado, do fato dela ser como uma instituição social total para esse mundo nesse período, e, por outro, por não ter sido anteriormente relacionada ao

---

<sup>9</sup> “Destins entremêles. Le Grupo Clima, la faculté de philosophie et le système culturel paulista dans les années 1930 à 1950”, In: **Cahiers du Brésil Contemporain**, Paris, n.º 47/48, 2002.

<sup>10</sup> Dentre outros, esse grupo foi formado por Décio e Paulo Emílio, Rui Coelho, Gilda de Melo e Souza, Mário de Andrade, Antônio Cândido.

funcionamento desse espaço, ou se quer analisada mais detalhadamente para um entendimento completo da produção e circulação dos bens simbólicos ao longo das décadas de 1920-30.

*Paulicéia Desvairada* foi escrito por volta de 1920 e até sua primeira edição, em julho de 1922, ele foi lido e modificado pelos amigos do autor segundo depoimento do próprio Mário em 1946: “Fazíamos fugas desabaladas dentro da noite, na Cadillac verde de Oswald de Andrade, a meu ver a figura mais característica e dinâmica do movimento, para ir ler as nossas obras-primas em Santos, no Alto da Serra, na Ilha das Palmas...” (In Góes, 1946, *Revista do Arquivo Municipal*). Motivado pelo “grupo dos cinco”, Mário decidiu apresentar os manuscritos aos amigos do Rio de Janeiro. O escritor leu seus versos em um encontro na casa de Ronald de Carvalho, onde se reuniam os novos artistas da época. Tendo sido aprovado por esse público privado, Mário foi incentivado a enviar *Paulicéia* para Monteiro Lobato, que iniciava no ramo da atividade editorial. Lobato não gostou da obra, engavetou-a por meses e depois resolveu pedir a Mário que escrevesse um prefácio. Mesmo com a inclusão de uma apresentação da obra, Lobato não a publicou, tornando-se para Mário um inimigo. Em 1921, Oswald de Andrade, diante da dificuldade para a publicação de *Paulicéia*, resolve apresentar seu amigo e um dos versos do livro na imprensa paulista; segundo depoimentos da época, o escândalo foi tão forte que rapidamente o nome de Mário, até então só conhecido pelos “novos”, tomou conta da cidade, acarretando ao autor a perda de muitos de seus alunos particulares. Foi somente meses depois da Semana de Arte Moderna que Mário conseguiu publicar *Paulicéia* pela editora Casa Mayença.

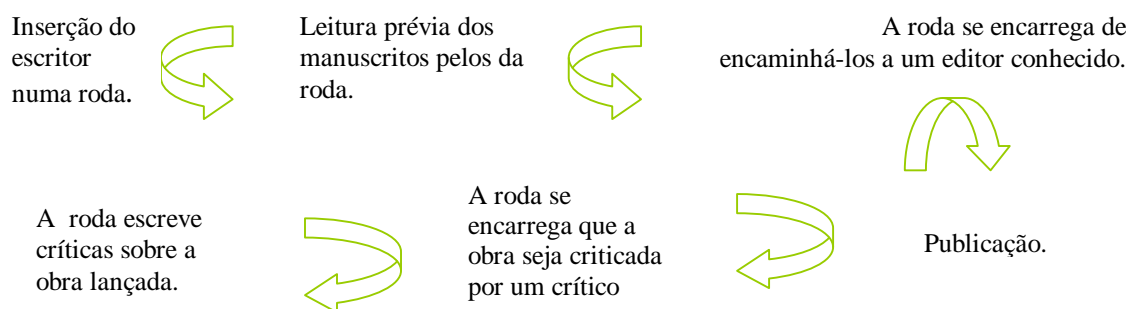
Não foi diferente no caso de *Menino de Engenho*. Zelins foi para Alagoas após sair de Manhuaçu, em Minas Gerais, onde era promotor público. Lá, ele passou a fazer parte da roda de Maceió, da qual já eram membros Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Valdemar Cavalcanti e Aurélio Buarque de Holanda. A comunhão desses

profissionais como um grupo está nitidamente expressa nas palavras de Rachel de Queiroz:

“É que nós surgimos no mesmo tempo: Jorge, eu, Graciliano, Zelins, Amado Fontes. Éramos um grupo de contemporâneos e ainda amigos. O José Américo era meu amigo pessoal. Eu conheci quando ele era Ministro do Getúlio... éramos grandes amigos, eu, Graciliano, e a mulher dele. A gente se freqüentava muito. Nesse período em Maceió, por coincidência, Zelins morava lá, engraçado. Ele era fiscal de imposto de consumo e morava lá. E o Aurélio Buarque de Holanda também morava lá; era de lá. Era uma roda de tantos que depois vieram para cá! Então a gente tinha um botequim, um café, um ponto chique de Maceió, onde a gente reunia-se todas as tardes a tomar um choppinho, um cafezinho a conversar. Depois viemos para cá [Rio de Janeiro], o Alberto Passos Guimarães, Valdemar Cavalcanti, um político, Aurélio Buarque de Holanda, do dicionário, Graciliano e Zelins. Nos reunimos em Maceió nesse período”. (Entrevista de Rachel de Queiroz concedida a Gustavo Sorá em 25 de fevereiro de 1997).

Segundo Valdemar Cavalcanti foi ele o responsável pela publicação de *Menino de Engenho*. “Eu fui datilógrafo dos seus primeiros livros, e foi por interferência minha que *Menino de Engenho* teve seu primeiro editor – Adersen Editores – de dois amigos meus”. (In: Coutinho,1980). Há aqueles que dizem que foi o poeta alagoano Jorge de Lima, também editado pela Adersen, que levou *Menino de Engenho* para a pequena editora da rua do Lavradio, 60.

Pouco importa saber se foi Valdemar Cavalcanti ou Jorge de Lima quem levou *Menino de Engenho* até os editores Hersen e Aizen, dado o fato de que eles eram da mesma roda do autor. O que vale assinalar é que mais uma vez podemos ver que os manuscritos seguiam rigorosamente um circuito, independentemente se estamos em São Paulo de 1922 ou em Maceió uma década depois.



Não levamos em consideração as brigas e desentendimentos surgidos nas rodas depois de um período de convivência, devido ao fato de que isso não alterou a configuração do espaço literário daquele período.

Tendo em vista as diversas obrigações dessas rodas, elegemos a crítica literária como a atividade por excelência para sustentar o argumento de que a circulação dos

bens culturais se dava por via dessas trocas. A crítica, por exemplo, era o “objeto” mais importante da dádiva, já que ela era o meio pelo qual se podia conseguir prestígio para o criticado e para sua roda. Tanto para Mário quanto para Zelins, certificamos que a maioria das críticas escritas sobre *Paulicéia Desvairada* e *Menino de Engenho* era de autoria de seus companheiros de roda ou de amigos dela. Verificamos também que retribuir a crítica significava a confirmação do prestígio e a reafirmação do nome; ao contrário, sem a valorização mútua, tornaria impossível a distribuição do prestígio. Numa roda, a prestação era total; toda a roda contratava e trocava por todos. Os nomes singularizados eram produtos da ação desses pequenos grupos. Concluímos que a crítica dos anos 20 e 30 era coletiva, ou seja, representava a opinião do grupo do criticado, e não somente do profissional que a escreveu. A crítica era também um instrumento de proteção das rodas e um importante meio de divulgação da produção, já que não se contava com uma distribuição em massa e tampouco com redes de livrarias ou grandes espaços em revistas e jornais.

Por essa escassez de meios de divulgação dos bens simbólicos, foram criadas, ao longo dos anos 20 e 30, diversas revistas literárias, dedicadas não só ao mundo do livro, como também às artes em geral. Contudo, tais como as críticas, essas revistas não serviam indistintamente ao espaço literário; pertenciam a rodas específicas e serviam exclusivamente aos seus membros e amigos. Quando uma revista pertencia a uma editora, fenômeno comum no período, seus principais colaboradores eram os escritores editados da casa ou aqueles que tinham algum vínculo com o editor-proprietário. A *Boletim de Ariel*, por exemplo, servia aos editados da Ariel Editora; a *Revista do Brasil*, sob a direção de Lobato, servia aos amigos e editados da Cia Editora Monteiro Lobato, a *Mundo Literário* “pertencia”, como eles próprios diziam, à ‘rodinha’ da livraria e editora Leite Ribeiro, e assim ocorriam com muitas outras. O estudo das críticas possibilitou também entender que nesse início do processo de autonomização do mundo do livro, havia uma fraca divisão do trabalho. Os produtores culturais, independentemente de suas especializações, desempenhavam tarefas diversas: o editor, por exemplo, escrevia críticas, revisava textos, ia de livraria em livraria para negociar a venda dos livros, etc.

A análise das trajetórias de *Paulicéia Desvairada* e de *Menino de Engenho* foi fundamental para verificar que as rodas representavam uma descontinuidade no processo de dependência dos artistas nas elites aristocráticas, sobretudo no que concerne ao controle do próprio espaço de produção. As obrigações recíprocas expressavam tanto

a amizade, quanto faziam parte da funcionalidade do espaço artístico. A relação de troca existente entre os artistas e escritores organizava as rodas, que consideramos como instituições por serem elas as responsáveis pelo sistema de produção e de circulação de bens simbólicos, a partir do momento em que o espaço artístico deixou de ser conduzido pelos mecenas.

Depois de verificarmos que os constantes encontros de artistas, escritores e editores em bares, livrarias ou nos ateliês, tinham implicações importantes para o mundo do livro, ficou impossível considerar as rodas literárias como simples “grupos de amigos”, como eles se auto definiam. Tampouco levamos em consideração a definição externa de “grupos de talentos”. Tentamos identificar o que essas rodas foram social e culturalmente.

## **Bibliografia**

ABBUD, Marísia Costa. **Mário de Andrade e as manifestações artística em São Paulo**

(1927-1930). São Paulo: Escola de Comunicação e Artes – ECA – USP, 1979.  
Dissertação.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Jorge Amado: Política e Literatura - Um estudo**

sobre a trajetória intelectual de Jorge Amado. Rio de Janeiro: Editora Campus LTDA, 1979.

AMARAL, Aracy (org.). **Correspondência Mário de Andrade & Tarsila do Amaral.**

São Paulo: Editora USP/IEB, USP, 2001.

ANDRADE, Mário de. **O empalhador de passarinhos.** Belo Horizonte: Editora Itatiaia,

2002.

BOSI, Alfredo. “Mário de Andrade – crítico do Modernismo”, “Moderno e modernista na

literatura brasileira”. In: **Céu, Inferno – Ensaios de crítica literária e ideológica,** São

Paulo: Editora 34, Livraria duas cidades, 2003. p. 209-242.

CAMARGOS, Márcia. **Villa Kyrial: crônica da ‘Belle Époque’ Paulistana.** São Paulo:

Editora Senac, 2000.

CÂNDIDO, Antônio. **Brigada Ligeira e outros escritos.** São Paulo: Editora Unesp, 1992.



----- **Literatura e Sociedade: Estudos de teoria e história literária.**  
São

Paulo: TA Queiroz Editor, 2000.

----- **Formação da Literatura Brasileira.** Belo Horizonte, Rio de Janeiro:

Editora Itatiaia LTDA, vol.2, 1997.

CARPEAUX, Otto Maria. **Pequena Bibliografia crítica da literatura brasileira.** Rio de

Janeiro: Editora Letras e Artes, 1964.

CHAVES, Eneida Maria. **O Mundo Literário – um periódico da década de 20 no Rio de**

**Janeiro.** São Paulo: Departamento de Letras da FFLCH – USP, 1977. Dissertação.

COUTINHO, Afrânio, J. Galante de Souza. **Enciclopédia de Literatura Brasileira.** São

Paulo: Ministério da Cultura, Fundação Biblioteca Nacional Global Editora, ABL, vol.

II, 2001.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil, vol.5, Modernismo.** Rio de Janeiro: Editora Sul Americana, 1970.

----- **Introdução à Literatura Brasileira.** Rio de Janeiro: Editora Distribuidora de livros escolares LTDA, 1968.

----- **Brasil e brasileiros de hoje, Enciclopédia de biografias.** Rio de Janeiro: Ed. Sul Americana, 1970.

COUTINHO, Eduardo F., Ângela B. de Castro, **José Lins do Rego: Fortuna crítica 7.** João Pessoa: Edições Funesc, Civilização Brasileira, 1991.

DUARTE, Paulo. “Departamento de Cultura: vida e morte de Mário de Andrade”, In:

**Revista do Arquivo Municipal,** São Paulo: Publicação do Departamento de Cultura, p.

76-86,1946.

----- **Mário de Andrade: por ele mesmo.** São Paulo: HUCITEC – SCCT – CEC, 1977.

ELIAS, Nobert. “As interdependências humanas – os problemas das ligações sociais”. In:

**Introdução à sociologia.** Lisboa: Editorial Estampa, 1987.

- FARIA, Luiz de Castro. “Populações meridionais do Brasil \_ Ponto de Partida para uma leitura de Oliveira Viana”, In: **Boletim do Museu Nacional**, Rio de Janeiro: PPGAS, Museu Nacional, UFRJ, n.º 29, setembro de 1978.
- FIGUEIREDO Jr., Nestor Pinto de. **Pela mão de Gilberto Freyre ao Menino de Engenho**. João Pessoa – Paraíba: Edições Funesc, Idéia, 2000.
- FILHO, Adonias. **O romance brasileiro de 30**. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1969.
- FUSCO, Rosário. **Vida Literária**, São Paulo: SEP, 1940.
- FREYRE, Gilberto. **Manifesto Regionalista**. Recife: Ministério da Educação e Cultura, Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, 1976.
- GRIECO, Agripino. **Gente Nova do Brasil. Veteranos. Alguns mortos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.
- GÓES, Fernando. “História de Paulicéia Desvairada”. In: **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo: Publicação do Departamento de Cultura, p. 89-105, 1946.
- GUÉRIOS, Paulo Renato. **Lutando por sua predestinação: um estudo antropológico da trajetória de Heitor Villa-Lobos**. Rio de Janeiro: PPGAS – Museu Nacional, UFRJ, 2001. Dissertação.
- HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**. São Paulo: Edusp, T. A Queiroz Editor, 1985.
- IGREJA, Francisco. **A Semana Regionalista de 1922 – ensaio**. São Paulo: Edicon, 1989.
- JATOBÁ, Roniwalter. “Mário e a memória”, In: **Mário universal paulista: algumas popularidades**, São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, 1997. p.45-50.
- LEACH, E. R.. “Concerning Trobriand Clans and the Kinship Category *Tabu*”, In: **The Developmental cycle in domestic groups**, Department of Archeology and Anthropology at the Cambridge University, London: Editado por Jack Goody, 1962.
- LEFEBVRE, Henri. “Introdução à Modernidade”, In: **Introdução à Modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- LIMA, Alceu Amoroso. **A crítica literária no Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação,

Biblioteca Nacional, 1958.

LOPES, José Sérgio Leite. “Relações de Parentesco e de Propriedade nos Romances do ‘Ciclo da Cana’ de José Lins do Rego”, In: VELHO, Gilberto (org.). **Arte e Sociedade – ensaios de sociologia da arte**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

LOPES, Telê P. Ancona (org.). **Mário de Andrade: entrevistas e depoimentos**. São Paulo: TA Queiroz editores, 1983.

MARTINS, Eduardo. **José Lins do Rego: o homem e a obra**. João Pessoa - Paraíba: Secretaria de Educação e Cultura, 1980.

MARTINS, Wilson. **A crítica literária no Brasil**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora,  
vol. 1, p. 474-566, 1983.

----- “Do modernismo ao moderno”. In: **A idéia Modernista**, Rio de Janeiro: ABL, Topbooks, 2002.

MAUSS, Marcel, Émile Durkheim. “Algumas formas primitivas de classificação”, “Contribuição para o estudo das representações coletivas”, In: **Ensaio de Sociologia**. São Paulo: EPU, EDUSP, 1974.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: EPU, EDUSP, vol. II, 1974.

MELO, Veríssimo. **Contribuição do Nordeste ao Movimento Modernista**. Natal: Fundação José Augusto, 1971.

MICELI, Sergio. **Intelectuais e Classe dirigente no Brasil (1920 – 1945)**. São Paulo – Rio de Janeiro: Difel S.A., 1979.

MILLIET, Sérgio. “O poeta Mário de Andrade”, In: **Revista do Arquivo Municipal**, São Paulo: Publicação do Departamento de Cultura, p.53-68, 1946.

MONTENEGRO, Olívio. **O Romance Brasileiro**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, Coleção Documentos Brasileiros, n.º 10, 1953.

MORAES, Eduardo Jardim de. “Modernismo Revisitado”, In: **Estudos Históricos, Identidade Nacional**, Rio de Janeiro: CPDOC, vol.1, n.2 , p. 220-238, 1988.

----- **A brasilidade modernista – sua dimensão filosófica**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

- MORAES, Marco Antônio de (org.). **Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira**. São Paulo: Ed. USP/IEB, USP, 2000.
- MORAES, Pedro Rodolfo Bodê de. **Fidalgos do café e livros do Brasil – Monteiro Lobato e a criação de editoras nacionais**. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional – UFRJ, 1995. Dissertação.
- PAES, José Paulo, Massaud Moisés (orgs). **Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1967.
- PONTES, Heloisa, “Retratos do Brasil: Um estudo dos editores, das editoras e das ‘Coleções Brasileiras’, nas décadas de 1930, 40 e 50”, **ANPOCS- BIB**, n.º 26, p.56-89, 1988.
- “Destins entremêles. Le Grupo Clima, la faculté de philosophie et le système culturel paulista dans les années 1930 à 1950”, In: **Cahiers du Brésil Contemporain**, Paris, n.º 47/48, 2002.
- RIBEIRO, João. **Crítica: Os Modernos**, Rio de Janeiro: ABL, volume IV, 1952.
- SANT’ANA, Moacir Medeiros. **Documentos do Modernismo**. Maceió: UFAL, 1978.
- **História do modernismo em Alagoas (1922-1932)**, Maceió: EDUFAL, 1980.
- SANTOS, Wanderley Guilherme dos. “A imaginação político-social brasileira”, In: **Dados**, Rio de Janeiro: Publicação do IUPERJ, n.º 2/3, p.182-193, 1967.
- SCHELLING, Vivian. **A presença do povo na cultura brasileira – ensaio sobre o pensamento de Mário de Andrade e Paulo Freire**. Campinas: Editora Unicamp, 1991.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão – tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.
- SILVA, Simone, **O preto-e-branco do escritor brasileiro – Machado de Assis: no plural ou no singular?**, Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2001. Monografia.
- SILVEIRA, Joel. “Uma hora com José Lins do Rego”, In: **Vamos Ler!**, Rio de Janeiro, ano IV, n.º 134, , p.8-10, 23 de fevereiro de 1939, continuação na página 37.

SIMÕES, João Gaspar. **Crítica I: a prosa e o romance contemporâneo**, Porto: Livraria Latina Editora, 1942.

SIGAUD, Lygia, “As vicissitudes do ‘Ensaio sobre o Dom’”, In: **Mana**, Rio de Janeiro: Museu Nacional, UFRJ, vol.5, n.º 2, Outubro de 1999.

SODRÉ, Nelson Werneck. **Orientações do pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Vecchi, 1942.

SORÁ, Gustavo Alejandro. **Brasilianas \_ A casa José Olympio e a instituição do livro nacional**. Rio de Janeiro: Programa de pós-graduação em Antropologia Social no Museu Nacional, UFRJ, 1998. Tese.

----- “Os livros do Brasil entre o Rio de Janeiro e Frankfurt”, In: **BIB**, Rio de Janeiro: Relume Dumará, n.º 41, p. 3-33, 1º semestre de 1996.

TRIGO, Luciano. “José Lins do Rego e o Modernismo”, In: **Engenho e Memória: O Nordeste do açúcar na ficção de José Lins do Rego**. Rio de Janeiro: ABL, Topbooks, 2002.

WILLIAMS, Raymond, “The Bloomsbury Fraction”, In: **Problems in materialism and culture – selected essays**, London – New York: Verso, 1980.

**Cartas de Mário de Andrade a Álvaro Lins**, Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1983.

**Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo**, Villa Rica, Belo Horizonte – Rio de Janeiro, 1991.

#### **Jornais e revistas consultados**

Revista do Brasil: 1917, 1918, 1922, 1923, 1924, 1925, 1926, 1927, 1938, 1939, 1940

A União, João Pessoa, Paraíba: janeiro a dezembro de 1932

Boletim de Ariel: 1931, 1932, 1933, 1934

Festa: 1927-1935

Lanterna Verde: 1944

Vamos Ler!: 1939

Correio Paulistano: janeiro - fevereiro de 1922

Klaxon – mensário de arte moderna, novembro de 1922, no. 30

A Manhã, RJ: 17/09/1935

Diário de Notícias, RJ, 1932

Jornal do Commercio, SP, janeiro – fevereiro de 1922

Anuário de Literatura Brasileira – 1937-1942, Irmãos Pongetti/Zélio Valverde, Rio de Janeiro

Folha de São Paulo: janeiro – fevereiro de 1922